

Joãozinho da Goméa e a Influência das Religiões de Matrizes Africanas no cenário carioca

Cristina da Conceição Silva - UERJ
José Geraldo Rocha - Unigranrio

Resumo:

O artigo em questão busca evidenciar aspectos da religiosidade africana na cidade do Rio de Janeiro, trazendo à tona as contribuições de africanos e afrodescendentes para a manutenção da cultura religiosa de matrizes africanas. Ao desenvolvermos tal temática apresentamos aspectos em um período que compreende o final do século XIX até os meados do século XX. Neste contexto seguiremos com a temática, o deslocamento da religiosidade de Matrizes africanas do Rio de Janeiro até a cidade de Duque de Caxias, território escolhido pelo considerado maior babalorixá do Brasil, Joãozinho da Goméa. Ao chegar da cidade de Salvador, com seus conhecimentos religiosos, Joãozinho da Goméa implanta nessa geografia da Baixada Fluminense uma prática religiosa que ele denomina como Angola, tal prática foi motivo de críticas por parte de vários babalorixás conservadores, bem como o comportamento de João da Pedra Preta, alcunha também proferida ao babalorixá. Joãozinho da Goméa não se mostrou incomodado frente às críticas, e deu prosseguimento no que acreditava e fez da nação Angola um prática respeitada em Duque de Caxias, tal consideração alcançou as geografia do Centro e a Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras chaves: Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Joãozinho da Goméa, Religiosidade Africana

Introdução

A presença da religiosidade africana no Brasil se inscreve no âmbito das heranças culturais e religiosas do povo brasileiro. E por se tratar de heranças, significa algo que se ganha, razão pela qual alguns personagens de nossa história têm cuidado e zelado por ter como herança recebida.

Ao descrevermos sobre a religiosidade de matriz africana nas últimas décadas do século XIX na cidade do Rio de Janeiro, estamos buscando evidenciar as contribuições dos negros com sua cultura na cidade carioca e seu entorno. Esta cultura pode ser observada até os dias de hoje, através das oferendas religiosas oferecidas aos orixás, exus e erês seja, nas ruas que se cruzam, nas portas dos bancos, nas praças e na praia, local em que no último dia do ano e no dia 02 de fevereiro (dia de yemanjá) as oferendas são lançadas ao mar. Esta particularidade religiosa com características africanas que ocorre na cidade carioca, deve-se ao grande número de escravos negros que de diversas nações africanas chegaram no Rio de Janeiro, no século XVIII e início do século XIX.

A migração de já conceituados babalorixás oriundos de Salvador que chegam a cidade nas últimas décadas do século XIX, também contribuíram muito para a disseminação da religiosidade negra. Esse número significativo de negros e místicos na cidade carioca, promove um novo modelo de moradia que recebe a denominação de cortiço, é nesses espaços que as trocas simbólicas acontecem e muitos babalorixás criam seus espaços religiosos em torno desses modelos de moradia.

A urbanização e industrialização da cidade carioca dão fim a esses espaços, assim cada um segue seu caminho, nessa ambiência de modernidade a babalorixá Mãe Aninha de Xangô segue para Baixada Fluminense de Coelho da Rocha, fundando o Ylê Opô Afonjá, casa de santo conceituada até os dias de hoje.

Na terceira e quarta década do século XIX, chegam vários babalorixás na cidade do Rio de Janeiro, entre eles o que ficou mais famoso no Brasil (*Joãozinho da Goméia, Pai João, Táta Londirá, Seu João da Pedra Preta*), cujo nome de batismo era João Alves Torres Filho. Este já tinha filhas de santos que vieram residir na Baixada Fluminense e ao visitar a geografia em questão, João se encanta com o local, e no futuro fixa seu terreiro em Duque de Caxias. Na cidade carioca Joãozinho faz nome, atende a sociedade, faz parte de shows com as danças dos orixás no Cassino da Urca,

atende pessoas necessitadas de conselhos espirituais através de uma coluna de jornal , e assim se faz conhecido. As atitudes do pai de santo a forma que ele conduziu seu terreiro que recebe a denominação de Angola, se torna alvo de críticas por parte de babalorixás ortodoxos, que não aceitavam tanta modernidade. Os mais velhos praticantes da religião não aceitam cultos de João, bem como a exposição que ele fazia dos elementos litúrgicos e da dança como teatralização.

As religiões de matrizes africanas na cidade carioca

O Rio de Janeiro no que se refere as religiões de matrizes africanas foi um espaço que recebeu vários babalorixás, no período que compreende o final do século XIX até os meados do século XX. Nesse contexto ressaltamos as casa de santo localizadas no centro que contavam com a representações de Cipriano Abedé ,pai de santo de figuras importantes e de sambistas conhecidos como João da Baiana .Contamos também, com a presença do pai- de- santo Assumano Mina do Brasil, um africano que era da Costa da África, que tinha um candomblé na Rua Visconde de Itaúna, atual Presidente Vargas. E estes espaços religiosos em sua maioria ficavam próximo aos cortiços, um modelo de moradia que abrigava em sua maioria negros e mestiços. (MOURA,1995)

Em uma rua próxima, à Marquês de Sapucaí, estava à casa de Benzinho Bamboxê, outro pai-de-santo afamado. As Ruas Visconde da Gávea e Barão de São Félix, também típicas de cortiços, ficavam mais próximas do porto e era nesta segunda rua que, no fim do século XIX, moraram mais de 3.000 pessoas em sua maioria afrodescendentes.

Morava também, nestas imediações, o conhecido Dom Obá II d'África, um líder religioso muito conceituado. Na Rua Barão de São Félix, funcionava o candomblé de João Alabá, muito conhecido por ser o pai- de- santo de Tia Ciata e de muitos sambistas (ARANTES,2005 ,MOURA, 1995).

Nesse período, tinha na Pedra do Sal, na Saúde, uma casa de baianos e africanos, seguidores da religiosidade africana, que viam o navio chegando com os negros da

África ou da Bahia e eles davam o sinal, uma bandeira branca com símbolo de Oxalá, avisando que vinha chegando gente deles. A casa era no morro, pertencia aos africanos, Tia Dadá e Tio Ossum. Eles davam agasalho e tudo mais até a pessoa se apumar na cidade do Rio de Janeiro.

A chegada de Mãe Aninha de xangô, oriunda do Centro Cruz Santa do Axé de Opô Afonjá, em 1886 ao Rio de Janeiro, acompanhada de Bamboxê e Obá Saniá, também líderes religiosos, foi muito importante para religiosidade africana. Na cidade do Rio de Janeiro, Mãe Aninha de xangô, fundou uma casa no bairro da Saúde mudando em seguida para São Cristovão. E graças ao movimento da Reforma Pereira Passos, segue para Baixada Fluminense, para o bairro de Coelho da Rocha, o terreiro de Mãe Aninha teve Conceição de Omulu sua primeira filha de santo iniciada na cidade do Rio de Janeiro. Após a morte de mãe Aninha sua sucessora passa a ser Agripina de Souza. (LIMA,1987).

Iniciativas como de Mãe Aninha de Xangô impulsionaram o surgimento de várias casas de santo na Baixada Fluminense, embora com características diferentes das originais dos fins do século XIX e meados do século XX, mas que garantiram e ainda garantem a manutenção da religiosidade afrobrasileira. (LIMA, 1987 MAGGIE, 1980).

Em meados do século XX chegam à cidade do Rio de Janeiro o babalorixá, Joãozinho da Goméa que no início de sua trajetória religiosa seguia os ensinamentos do Encantado Jubiabá. Após a morte de seu pai de santo ele passa a ser apadrinhado por Mãe Menininha. Além de Joãozinho da Goméa chegam também Seu Ciríaco (Axé Tumba Junçara), Seu Bernardino (Axé Bate Folha), Seu Nino de Ogum (Axé Casa Amarela), Seu Cristóvão de Ogunjá (Axé Oloroke), Seu Waldomiro Baiano (Axé Parque Fluminense) entre outros pais e mães de santo. A memória da religião de matrizes africanas, na cidade do Rio de Janeiro, foram preservadas por estes babalorixás que vieram de Salvador. (GAMA,2012)

É sobre está ambiência religiosa na cidade do Rio de Janeiro é que Gama observa através da descrição de Bastide que::

Portanto, será a partir daquilo que Bastide considera como uma degeneração da religião que constrói seus argumentos sobre o Candomblé no Rio de Janeiro. Os principais argumentos que explicam o caráter degenerado do culto na cidade, considerado como “macumba. É o da maior presença de negros de origem banto no Rio de Janeiro. Influenciado pelas obras de Nina Rodrigues e Edson Carneiro, Bastide aceita a ideia de que os negros bantos não conseguiram resistir e preservar suas crenças religiosas, ao contrário dos negros baianos, de etnia “nagô”, que teriam, através da preservação de uma memória coletiva ancestral, preservado suas práticas religiosas intactas. (GAMA,2012, p. 34)

Declara Gama(2012)que o fato dos líderes religiosos serem de origem negra, fomenta uma grande entrada de mulatos na religião. Todavia os fracassos da permanência das casas de santo no centro do Rio de Janeiro se deram por conta dos processos de urbanização e industrialização, fatos esses que provocam um novo modelo religioso, o que o autor chama de desafricanização, ocorrida nas primeiras décadas do século XIX.

A migração dos negros de origem nagô de Salvador para o Rio de Janeiro desde a metade do século XIX, afirma Gama(2012) não se estabeleceu na grande cidade, o que para os negros impossibilitou a salvaguardar suas crenças e práticas religiosas nas grandes metrópoles.

Tal preservação sofre abalos, pois o culto da religiosidade negra se calca na identidade, e está estava anulada em virtude da situação de miséria em que o negro se encontrava no Centro da cidade carioca. Logo, coube a estes grupos buscarem na Baixada Fluminense e subúrbios da cidade do Rio de Janeiro, espaços para manterem sua identidade religiosa, através da solidariedade ,convivência e memórias dos mais experientes.

Babalorixá baiano e seu reinado em Duque de Caxias

Entre os babalorixás antes mencionados um deles se destacou na Baixada Fluminense da cidade de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, foi ele João Alves Torres Filho que também respondia pelas alcunhas(*Joãozinho da Goméa, Pai João, Táta Londirá,*

Seu João da Pedra Preta). Esse mulato nascido em 1914, na Bahia, chega o Rio de Janeiro, na época Capital Federal, e se estabelece em Duque de Caxias.

Em 1946 o pai-de-santo se despede da Bahia, apresentado no Teatro Jandaia um show com trajes e roupas típicas do candomblé, onde ele foi o bailarino, o desempenho do pai-de-santo artista, foi motivo de críticas no universo do candomblé na Bahia¹.

Na cidade de Duque de Caxias² seu terreiro se torna famoso e frequentado pela elite carioca, tendo em vista que o pai de santo tornou-se artista do Cassino da Urca, local onde apresentava as danças sagradas dos orixás.

Joãozinho da Goméa em pouco tempo no Rio de Janeiro, passa a ser um personagem conhecido e através de suas atuações religiosas entre outras, dá visibilidade a cidade de Duque de Caxias. O babalorixá, com seu terreiro em funcionamento, passa a utilizar espaços na imprensa para divulgar suas atividades e dava conselhos aos leitores do jornal que enviavam cartas em uma seção no Diário Trabalhista denominada “Ao cair dos Búzios”, nessa seção as pessoas se apresentavam com codinomes e o pai de santo respondia as consultas nas próximas edições dos jornais.(SILVA,2010).

Chegando ao Rio de Janeiro, em pouco tempo, ele promove aproximação com a sociedade local. E sua fama foi também solidificada através do jornal da cidade. Em 1950, era conhecido e reverenciado pela mídia da Capital Federal como o maior Babalorixá do Brasil.(SILVA,2010)

Bastide(2009) descreve Joãozinho da Goméa como um babalorixá inteligente, com iniciativa, e visão capitalista, ao muda – se para o Rio de Janeiro, a Capital do Brasil, onde já encontravam-se algumas filhas de santo. E não teme em trazer para a cidade suas pedras, seus objetos litúrgicos, seus instrumentos musicais e alguns de seus ajudantes .

Sobre a inteligência de Joãozinho da Goméa, declara Bastide (2009), que percebe-se um caráter não tradicional de seu terreiro, pois sua prática religiosa se aproximava também da Umbanda, e essa nova prática religiosa o distanciava dos métodos tradicionais nagô de Salvador. E nesse distanciamento que surge o culto de Angola, na Baixada Fluminense de Duque de Caxias, até os que não concordavam com

¹ www.oriaxe.com.br

² **Duque de Caxias** é um município brasileiro do estado dório de Janeiro, integrante da região Metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, situado na Baixada Fluminense.

seu jeito de conduzir a religião admitem que ele fosse o responsável pela disseminação da religião na região sudeste do Brasil.

Stefania Capone(2004) relata que Joãozinho da Goméa era constantemente acusado, pelos tradicionais babalorixás, de não ter sido iniciado na tradição do Candomblé e até mesmo de não ter sido iniciado no culto. Além disso, seu talento artístico era alvo de críticas no ambiente do Candomblé da Bahia.

O Babalorixá surge como um personagem que legitima os cultos de afrobrasileiros para fora das cercanias dos terreiros. Portanto, toda essa exposição ,muitas vezes contrariava os não-iniciados, bem como os babalorixás ortodoxos, que tinham como regra manter segredos sobre os rituais dos olhos curiosos.

Expor a religiosidade aos olhos de leigos, relacionando religião com cultura popular, foi uma das estratégias de reconhecimento e aceitação de João. Mas para isso ele teria que subverter as regras que sugeriam simplicidade no culto e, de fato, revolucionou algo que podemos notar nos dias atuais como uma herança de sua ousadia: a vestimenta dos orixás. (GAMA,2012 apud STEFANIA CAPONE,2004,p.67)

Joãozinho da Goméa se vestia com luxo, dentro e fora do terreiro. Sua ligação com o carnaval também é destacada na sua trajetória, e nesse episódio muita críticas foram proferidas a figura do babalorixá. A apresentação na festa carnavalesca não era papel que se prestasse a um sacerdote, diziam os iniciados tradicionalistas, ao presenciar Joãozinho vestido de mulher na festa do carnaval carioca.

A permanência de João no Rio assegura que a cidade possuía todo o glamour que João necessitava para mostrar seu potencial religioso e artístico e que sua presença na mídia foi uma forma de conquistar espaço no meio religioso e social. Os temas trabalhados por ele, a exposição da religião num meio de comunicação de massa acabou transformando-se em resistência cultural afrodescendente, logo suas inclinações nos mostra uma prática de resistência negra. (Silva, 2003)

Considerações finais

O legado cultural e religioso que os mais velhos têm deixado como herança na sociedade brasileira são marcas que influenciam, quando não determinam, a vida de muitas pessoas no cotidiano de suas vivências e relações sociais, nos seus modos de ser e estar no mundo

Ao tratarmos sobre a religiosidade africana na cidade do Rio de Janeiro, estamos identificando a cultura afrocarioca, através das figuras dos babalorixás que marcaram presença na história carioca a partir de suas chegadas, ao Centro da cidade. Nessa ambiência identificamos a manutenção da cultura das religiões de matrizes africanas por meio dos modelos de moradia onde as relações de solidariedade, irmandade aconteciam independente de laços sanguíneos.

A chegada de Joãozinho da Goméa a cidade de Duque de Caxias na Baixada Fluminense no Rio de Janeiro, no período que compreende a quarta década do século XX, reforça a cultura da religiosidade de matriz africana, além de dar visibilidade à geografia da Baixada Fluminense. O espírito destemido de Joãozinho da Goméa, mostra para a sociedade carioca por meio de shows e coluna de jornal, a identidade afrodescendentes se estabelecendo na cultura afrocarioca com todo o glamour que a cidade apresentava.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Érica Bastos. **O Porto negro: Cultura e Trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX**. Campinas: EDUEC, 2005. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br>> Acesso em: 06/11/2011)

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia : rito nagô**. São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

LIMA, Vivaldo Costa e Oliveira, Waldir Freitas. **Cartas de Édison Carneiro a Arthur Ramos: de 4 de Janeiro de 1936 a 6 de Dezembro de 1938**. São Paulo: Corrupio, 1987.

MAGGIE, Yvonne. **Guerra de Orixás: Um Estudo de Ritual e Conflito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 .

MAGGIE, Yvonne e CONTINS, Márcia. **Gueto Cultural ou a Umbanda como modo de vida: notas sobre uma experiência de campo na Baixada Fluminense**. IN: Velho, Gilberto. **O Desafio da Cidade: Novas Perspectivas da Antropologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro- Secretaria Municipal de Cultura : Departamento Geral de Documentação e Informação, 2005. Coleção Biblioteca Carioca Revista Eletrônica. **OríAxé**. Disponível em < [WWW.oriaxe.Com .br](http://WWW.oriaxe.Com.br)> Acesso em 24/03/13

SIVA, Joselita- **O Negro Baiano Pai Joãozinho da Goméia: o candomblé de Duque de Caxias na mídia dos anos cinquenta** Universidade Federal do Ceará **Revista Magistro** www.unigranrio.br Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO 2010